

JESUS, DEUS E HOMEM: O ensino cristológico do Hino Filipense e a sua aplicação na devoção cristã

Juliana Matheus da Silva Sobral
Mariane de Carvalho Godoi Lopes

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a importância do ensino doutrinário contido no hino cristológico da carta aos Filipenses e como a música pode ser instrumento de exortação e instrução para a devoção cristã. Para isso, o texto procura descrever o cenário social, cultural e religioso onde a comunidade filipense está inserida, assim como foi analisada a cristologia contida no hino no capítulo 2, 5-11 da carta paulina buscando entender como o música baseada na correta exposição bíblica pode auxiliar e promover a exortação e instrução da comunidade cristã. Sendo o método utilizado o de pesquisa bibliográfica, busca-se por meio deste artigo contribuir para a reflexão do conteúdo doutrinário dos cânticos congregacionais, assim como da devoção pessoal.

Palavras-chave: Cristologia, Devoção Cristã, Hino

Abstract: This article aims to analyze the importance of the doctrinal teaching contained in the Christological hymn of the letter to the Philippians and how music can be an instrument of exhortation and instruction for Christian devotion. To this end, the text seeks to describe the social, cultural and religious scenario in which the Philippian community is inserted, as well as the Christology contained in the hymn in chapter 2, 5-11 of the Pauline letter, seeking to understand how the music based on the correct biblical exposition it can aid and promote the exhortation and instruction of the Christian community. As the method used is bibliographical research, this article seeks to contribute to the reflection on the doctrinal content of congregational songs, as well as personal devotion.

Key-words: Christology, Christian Devotion, Hymn

1 INTRODUÇÃO

O hino cristológico da carta aos Filipenses reflete uma cristologia concebida dentro do ambiente de culto e do desenvolvimento da fé dos primeiros movimentos cristãos do primeiro século, como relata Reinhard Deichgräber em *Os hinos a Deus e hinos de Cristo no Cristianismo Primitivo* (Gotteshymnus und Christushymnus in der frühen Christenheit) (1967). Ele ressalta que muitos hinos seriam releituras dos salmos com exegeses feitas em um contexto de culto pneumático e não à volta de uma mesa ou em seminários. O ensino inserido nesta composição possui uma aplicação prática para a comunidade de Filipos que deveria ter, no paradigma da encarnação de Cristo, o exemplo para um bom testemunho e de boa convivência.

As cartas do apóstolo Paulo demonstram a centralidade de Jesus para a devoção cristã do primeiro século, sendo estes os documentos mais antigos preservados até os dias de hoje como um relato fidedigno da concretização da adoração dos movimentos cristãos, como relata Larry Weir Hurtado em, *Senhor Jesus Cristo: Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo* (2017). Estas cartas não são somente um registro histórico da formação das comunidades, mas, também, demonstram uma preocupação da parte do apóstolo Paulo na transmissão correta dos ensinamentos apostólicos. O hino da carta filipense, como outros hinos das cartas neotestamentárias, une o ensino à prática cultural.

Este artigo pretende demonstrar como a música é um instrumento de ensino útil para a devoção cristã da igreja contemporânea, como foi para os primeiros cristãos. Como relata David Peterson em *Teologia Bíblica da adoração: cultuando a Deus como ele orienta e deseja* (2019) “a ministração da verdade um ao outro é um exercício de amor”, testemunhando das grandezas de Deus, anunciando, assim, o evangelho aos descrentes.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL DA IGREJA DE FILIPOS

Como nos descreve Gordon Fee em *Filipenses: Comentário Exegético* (2022), a cidade teria sido originalmente fundada como Crênides, por colonizadores gregos, sendo depois rebatizada de Filipos, por Filipe da Macedônia (pai de Alexandre, o Grande), em sua própria homenagem. A cidade de Filipos possuía uma localização

estratégica, sendo esta de sentinela da grande planície agrícola de Datos, próxima do monte Pangeu, rica em depósitos minerais, inclusive ouro. Isso demonstra grande interesse pela região por parte dos colonizadores e, mais adiante, pelos romanos.

2.1 Contexto Histórico

Como nos descreve Frederick Fyvie Bruce no Novo Comentário Bíblico Contemporâneo (1992), a chegada do Evangelho à Macedônia acontece mais ou menos vinte anos após a morte de Cristo. O relato da primeira carta aos Tessalonicenses 2.2 coincide com o relato de Lucas em Atos dos Apóstolos 16.11-40, onde Paulo e seus companheiros, antes de seguirem para Tessalônica, padecem e são ultrajados em Filipos. Essa mesma descrição de Lucas em Atos dos Apóstolos 16.12 destaca que Filipos era a cidade mais importante desse distrito.

O nosso interesse histórico, como descreve Fee (2022), começa a partir de 42 a.C.. Otávio (mais tarde, imperador Augusto) faz da cidade de Filipos uma colônia militar depois da planície passar por duas batalhas que mudariam o contexto da região. A cidade foi povoada e sua área agrícola passou a ser cultivada por veteranos de guerra dispensados. Esses acontecimentos compõem o cenário para compreender que tipo de comunidade o apóstolo Paulo irá encontrar em 49 d.C. Em 168 a.C. a Macedônia foi dividida em quatro, sendo Filipos a cidade principal. Em 27 a.C. ela se torna uma província senatorial pelo imperador Augusto, seguindo o modelo da cidade-mãe (Roma), todo cidadão da província recebe automaticamente a cidadania romana.

2.2 Contexto Social

Pouco se sabe sobre a situação socioeconômica da igreja, mas podemos entender através dos relatos bíblicos que era muito similar ao que se encontra em outras igrejas de centros urbanos. Como afirma Fee (2022), o fato de três das pessoas citadas serem mulheres não é acidental (Atos 16.14; Fp 4.2).

Há muito as mulheres macedônias possuíam a fama de exercerem iniciativa e influência (FEE, 2022). Lídia, a comerciante de púrpura, e as pessoas de sua casa foram batizadas por Paulo e seus companheiros missionários à beira do rio, como nos relata Atos 16.15. Bruce (1992) sugere que ela era proprietária de um casarão ou mesmo

palacete e que talvez Evódia e Síntique faziam parte desta família estendida. Segundo Fee (2022), o outro nome que conhecemos de Filipos, o carcereiro Clemente, também parece possuir uma família estendida e que pertenceria à classe dos artesãos. Já a jovem, com o espírito de adivinhação, pertencia à classe dos servos.

2.3 Contexto Cultural-Religioso

Colônia com regência romana, mas com uma cultura grega. A Filipos que Paulo encontra possuía uma população tanto romana quanto grega. A língua grega era o idioma mais predominante no comércio, apesar da língua oficial ser o latim (FEE, 2022).

A cultura de Filipos certamente possuía características típicas de uma colônia romana do primeiro século. Uma cultura cunhada pela vivência religiosa e com os espaços urbanos repletos de templos e locais sagrados. As festividades religiosas, assim como os mais diversos rituais permeiam a vida cotidiana nas colônias romanas, como nos descreve Larry Weir Hurtado em *As Origens da Adoração Cristã* (2011). O mesmo autor comenta a ubiquidade da religião no mundo romano e em como era difícil apontar algum aspecto que não tivesse um relacionamento explícito com a prática religiosa e, segundo o autor, “tudo estava carregado de significado e de associações religiosas”. Estamos falando de um ambiente propício para uma vivência religiosa e esta muito diversificada. Hurtado (2011) afirma que, com exceção da crença dos judeus e dos cristãos, os deuses eram os mais diversos e as manifestações de devoção eram incontáveis. Eram considerados piedosos os que se dedicavam a honrar todas essas manifestações de devoção.

Mesmo existindo um incontável número de divindades com seus respectivos cultos e devoções, o império romano tinha como política dar liberdade religiosa aos povos que por eles eram subjugados. Imigrantes e até mesmo escravos tinham a permissão de adorar os deuses de sua terra natal. Quando as mesmas possuíam boas condições econômicas, conseguiam erguer santuários e templos em honra de suas divindades. No entanto, vemos esse cenário mudar com a devoção judaico-cristã em crescimento, pois a mesma adorava como Rei, o Senhor Jesus. Isso era visto como um sinal de insubmissão (Hurtado, 2011).

A variedade de divindades era tida como bem-vinda e desfrutada. Essa receptividade e curiosidade levou muitos gentios a frequentarem sinagogas da Diáspora¹ (HURTADO, 2011). Este comportamento não era visto como uma infidelidade por parte do devoto. Podemos ver que a prática era comum ao lermos as cartas de Paulo à igreja de Corinto, quando o apóstolo adverte os crentes em Cristo desta congregação quanto a aceitarem o convite de conhecidos e familiares não-cristãos para participarem das festividades pagãs (1 Co 10.27-33).

3 A EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Donald Arthur Carson e Douglas J. Moo em *Introdução ao Novo Testamento* (Einleitung in das Neue Testament) (2010) afirmam que a carta aos Filipenses possui um tom diferente das outras cartas escritas pelo apóstolo Paulo. As cartas eram geralmente respostas aos questionamentos das recém criadas comunidades cristãs, sendo as mesmas cunhadas por ensinamentos profundos quanto a pessoa de Cristo, de exortações para se manterem fiéis diante de ensinamentos errados, corrigindo-os e alertando para manterem um modo de vida condizente com a crença que agora possuíam. Há nesta carta um tom de grande alegria, regozijo e gratidão para com a igreja que o Apóstolo Paulo fundou.

3.1 A autoria e datação

A unidade da epístola como sendo um documento único é amplamente aceito, refutando, assim, o conceito de que a literatura que possuímos hoje seria um compilado de cartas em virtude da quebra literária que parece existir entre os capítulos 3 e 4, como demonstra Bruce (1992). O argumento é reforçado pelas palavras de Policarpo na sua carta aos crentes filipenses, onde ele lembra que Paulo os ensinou tanto presencialmente como por cartas, o que daria a entender que várias cartas teriam sido escritas, mas que nunca chegaram até nós (PAIS APOSTÓLICOS, 2017)

É de larga aceitação entre os teóricos que a carta aos Filipenses tenha sido escrita pelo apóstolo Paulo no início da década de 60 d.C. Como afirma Carson e Moo (2010), a autoria paulina da carta filipense é indiscutível. O estilo da carta traz traços típicos da

¹Diáspora, em termos gerais, significa dispersão de nações ou etnias. A diáspora aqui mencionada é referente a dispersão do povo hebreu a partir do exílio babilônico, ou seja, a deportação de israelitas do Reino do Norte pelos Assírios no século 8 a.C e dos judeus pelos babilônios no século 6 a.C.

escrita de Paulo, assim como a descrição da vida do apóstolo durante a escrita da mesma. Carson e Moo (2010) destaca que, mesmo não havendo discussão quanto a autoria da carta, existem linhas de defesas que refutam a autoria paulina do hino filipense no 2.5-11 e que o mesmo não seria uma escrita original do apóstolo². Este tema será melhor explanado na seção que tratará da estrutura do hino.

Como afirma Carson e Moo (2010) uma prisão no princípio da década de 60 d.C é o local de escrita defendido por uma grande parte dos teóricos e os argumentos, de ambas as partes, recorrem a indícios internos e externos à carta para afirmar Roma como o local mais propício para tal. Fee (2022) argumenta que Paulo faz menção de todo o pretório e a casa de César. A guarda pretoriana seria “a guarda de elite”, que estaria posicionada em Roma, junto ao imperador (BRUCE, 1992).

3.2 Objetivo e Destinatários

A carta aos Filipenses, como defende Fee (2022), não seria uma carta resposta como era de costume do apóstolo Paulo, mas uma carta típica de amizade/exortação moral. Ele argumenta que a reconstrução do contexto histórico tem seu lugar, mas, para entender a carta, o peso do gênero literário deve anteceder-lo.

Segundo o mesmo autor, o texto demonstra ser uma típica carta de amizade do primeiro século. A amizade entre iguais, ou seja, o relacionamento entre pessoas virtuosas é baseado na boa vontade e lealdade, no desfrute das mesmas coisas e na necessidade. Na carta filipense é possível notar como os assuntos estão relacionados ao que é comum entre o remetente e o destinatário. A questão da participação, revela uma parceria que envolvia ambos, tanto de Paulo como dos crentes em Filipos. A cooperação inclui, também, a participação no sofrimento mútuo pelo evangelho. O autor ainda argumenta que a exortação que permeia as principais partes da carta não acontece no âmbito “patrono-cliente”, como é possível ver em outras cartas paulinas, mas sim, dentro de um relacionamento que apela à mutualidade em Cristo (FEE, 2022). O hino, que será tratado na seção seguinte, inicia com um pedido de mutualidade, de parceria, ou seja, um mesmo modo de pensar: Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus (Fp, 2.5).

²A discussão não se atém somente no âmbito da autoria, mas, também, se seria uma adaptação de um hino dirigido a um deus pagão que tomaria forma de homem e que subiria aos céus.

Quanto ao gênero literário, Fee (2022) afirma que o mesmo trata sobre a ética, podendo ser uma carta de exortação moral. Esta exortação é feita dentro do contexto de amizade, onde um superior instrui um inferior. Fee (2022) argumenta que a amizade poderia adotar um caráter agonístico, ou seja, que o contexto de amizade poderia indubitavelmente revelar a presença de inimigos e que isso não revelaria necessariamente um grupo ou mesmo grupos de opositores reais em Filipos. Em contrapartida, Carson e Moo (2010) defendem que os opositores poderiam ser alguma forma de Gnosticismo ou mesmo um tipo de Pré-Gnosticismo, já que o mesmo movimento não é possível ser identificado no tempo de Paulo. Vemos Paulo descrever este grupo de forma específica quando fala que esses anunciam a Cristo, em meio a contendas, julgando suscitar aflição às suas prisões (Fp 1.17). Paulo adverte a comunidade filipense contra os maus obreiros, os cães, os da falsa circuncisão (Fp 3.2). Como esclarece Carson e Moo (2010), parece-nos razoável esperar que Paulo estaria falando de um grupo específico, com as características aqui descritas e que estaria por trás dos argumentos exortativos de Paulo ao longo da carta. Que instruções poderiam ser essas? Que tipo de exortações morais e éticas teria Paulo para a igreja que ele fundou na sua passagem pela cidade de Filipos?

Para Fee (2022), a exortação de Paulo vai de encontro com a firmeza e a unidade requerida em meio as provações e oposições vividas pela igreja filipense e o paradigma para esta unidade é a história de Cristo (Fp 1.12-13). Paulo apela pela unanimidade de coração, como destaca Bruce (1992): “para que o meu cálice transborde dessa alegria: completai o meu gozo. Permitam-me ouvir que vós tendes o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor, que sois unidos no mesmo ânimo”. Assim é possível compreender que a união de propósitos seria muito mais do que aceitar viver sobre uma opinião imposta pela maioria, mas, sim, que pudessem evidenciar uma nova vida em Cristo dando um parâmetro idêntico para todos da comunidade. Paulo joga com a dupla cidadania deles, convidando-os a viver conforme a sua cidadania celestial, mesmo sendo romanos (FEE, 2022).

3.2.1 O apelo de Paulo: A Unidade

A seção que antecede o hino filipense conduz os leitores da carta a um sentido unificado de exortação desde o primeiro verso do capítulo dois e que apela para a

unidade. Por isso, se faz necessário compreender a essência da mesma e entender que tipo de unidade o Apóstolo Paulo esperava da comunidade de Filipos.

Como descrito, havia uma grande diversificação de culturas que estaria presente na comunidade filipense nos primeiros séculos e o culto a Deus, tanto para judeus como para o movimento dos seguidores de Jesus, era exclusivista e rejeitava a adoração às muitas divindades deste entorno. (HURTADO, 2011).

Segundo Bruce (1992), Paulo argumenta sobre a unidade e como a mesma e a sua real compreensão, o seu aspecto e a forma de ser vivida pela comunidade era uma preocupação para Paulo. Ela vem como resposta e um convite para as considerações mútuas, ou seja, que diz respeito a todos. Um cultivar de aspectos entranháveis que só seria possível através da vivência real do amor de Cristo sendo possível através do Espírito de Cristo, o qual viabiliza a comunhão, mesmo em meio a seres humanos de culturas tão diferentes e com temperamentos tão distintos.

Fee (2022) afirma que a conjunção “portanto” (Fp 2.1) amarra o assunto da seção anterior à seguinte e conduz o pensamento da igreja para permanecer nesta unidade, tanto no conforto e consolo em Cristo como, agora, no sofrer. Paulo apresenta quatro orações condicionais, começadas pela partícula “se” e que propõe um acúmulo intencional de uma retórica, como afirma o mesmo autor. Paulo apela para quatro aspectos: encorajamento, consolo, comunhão e entranháveis afetos e paixões. Tais aspectos não seriam uma sugestão do que os filipenses deveriam viver, caso experimentassem a vida comum em Cristo, mas, segundo Bruce (1992) trata-se de uma realidade já vivida, ou seja, não existe qualquer dúvida de que as bênçãos já eram vividas tanto por Paulo, como pela comunidade filipense.

Segundo Fee (2022), tal retórica pujante culmina no pedido de atentar para a necessidade do outro, considerando o que é importante para o próximo. Para isso acontecer, Paulo exorta uma unidade de pensamento, o mesmo modo de pensar. O verbo *phronein* (pensar, observar), usado por Paulo dez vezes somente nesta carta, significa ter uma opinião definida, uma atitude deliberada. O mesmo modo de pensar é colocado a par da humildade. A expressão *en tapeinophorosyne* (humildade) é “uma virtude singularmente cristã” e que contrasta com os valores do mundo greco-romano que considerava a humildade como uma deficiência e não uma virtude. O mesmo modo de pensar, apela para a humildade de mente³. A verdadeira humildade não é autocentrada,

³Humildade ou inferioridade de mente (formado de *tapeinos*- abaixado, sempre usado metaforicamente, para denotar algo de baixo grau, trazido para baixo- e *phren*, mente, humildade de espírito)

mas enxerga a necessidade do outro como prioridade (FEE, 2022). O mesmo modo de pensar está intimamente ligado à necessidade do outro, ou seja, a unidade toma corpo e forma quando a prioridade de todos é focar-se na necessidade do próximo antes mesmo da sua.

4 O HINO FILIPENSE

Enquanto a autoria da carta aos Filipenses é tratada indiscutivelmente pelos pesquisadores como sendo do apóstolo Paulo, diversas linhas de pesquisa discutem a autoria do hino que se encontra no capítulo 2.6-11 e se esse seria um hino anterior a Paulo e, talvez, de origem semita, como argumenta Giuseppe Barbaglio em *As Cartas de Paulo II* (1991).⁴

Não obstante haver posições diferentes quanto à divisão das estrofes e quantas seriam, é de grande aceitação de que estamos diante de um hino, como nos explica Clifton J. Allen em *Comentário Bíblico Broadman* (1985). A divisão da estrutura poética acabou enfraquecendo a premissa de que seria um hino pré-paulino e mais antigo que a Epístola aos Filipenses. Ele considera igualmente os versos de 1 a 4 tão poéticos quanto os de 6 a 11 e entende que toda a passagem, que se inicia no verso 1 do capítulo 2, possui um assunto em comum: “o mesmo modo de pensar que é o sentimento de Cristo” (ALLEN, 1985). De acordo com Carlos Osvaldo Cardoso Pinto em *Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento* (2008), o apóstolo Paulo seria perfeitamente capaz de compor um hino e argumenta contra a ideia de que Paulo tenha tomado emprestado um hino de um deus-herói pagão⁵. Esta alegação implicaria em aceitar que as doutrinas como glorificação e exaltação seriam resquícios do paganismo.

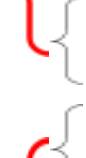
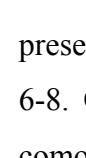
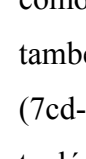
4.1 Estrutura do Hino

O hino se encontra na segunda seção da primeira grande divisão (1.12 - 2.30) da carta, onde Paulo tece argumentos, usando os exemplos para reforçar a exortação desejada. O exemplo de Cristo compõe o hino como sendo o exemplo de humildade e

⁴Para Fee (2022) a construção literária em prosa elevada não indica que o mesmo seria um hino e que não possui similaridades com os tipos de hinódia e poesia gregas contemporâneas a Paulo. O mesmo autor afirma que Paulo consegue tal proeza quando se trata de descrever a obra de Cristo.

⁵Allen também apoia, rejeitando a posição amplamente aceita de que o hino seria uma adaptação de um velho mito de redenção do pensamento religioso helênico. O mito, de origem iraniana, fala de um redentor celestial que desce do céu e depois sobe de volta, vitoriosamente, abrindo, assim, caminho para os seus seguidores.

obediência até a morte, sendo exaltado à presença de Deus, onde todos os poderes cósmicos confessam o triunfo e senhorio de Jesus (PINTO, 2008). Como explica Ralph P. Martin em *A Adoração na igreja primitiva (Worship in the Early Church)* (1964) a proposta aceita majoritariamente é de uma composição antifonal de seis estrofes.

- 
 - a) 6 *Pois ele, subsistindo em forma de Deus,*
 - b) *não julgou como usurpação o ser igual a Deus;*
- 
 - a) 7 *Antes, a si mesmo se esvaziou,*
 - b) *assumindo a forma de servo,*
- 
 - c) *tornando-se em semelhança de homens;*
 - d) *reconhecido em figura humana*
- 
 - a) 8 *A si mesmo se humilhou,*
 - b) *tornando-se obediente até à morte e morte de cruz*
- 
 - a) 9 *Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira*
 - b) *e Lhe deu o nome que está acima de todo nome*
- 
 - a) 10 *Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho,*
 - b) *nos céus, na terra e debaixo da terra.*
- 
 - c) 11 *E toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus*

Michel Gourgues em *Os hinos do Novo Testamento* (1995) defende haver a presença de um jogo de simetrias e correspondências no vocabulário entre os versículos 6-8. O substantivo “forma” é repetido (forma de Deus-forma de servo (6-7)), assim como o particípio “tornando-se” aparece duas vezes (7-8). Segundo o mesmo autor, também é possível ver uma simetria de ideias entre as seções. Enquanto a estrofe II (7cd-8) fala concretamente do que Jesus viveu, a estrofe I (6ab-7ab) mostra o valor teológico, o de “subsistindo em forma de Deus” à “forma de servo”. Os versos simétricos garantem uma explicação da sequência de eventos vividos por Cristo: Cristo se revelou apartado da “forma de Deus” (6ab) em “forma de servo” (7ab) e assumiu a “forma de servo” (7b) tornando-se “obediente até a morte” (8b). Aqui, a expressão “morte” parece ser propositalmente articulada em “morte de cruz” e parece não corresponder nem com o vocabulário, nem com a construção. Para Gourges (1995) a expressão “morte de cruz” corresponde totalmente à teologia de Paulo como forma de explicar a obediência até a morte. O autor articula que entre as estrofes é possível, também, encontrar correspondências. “Forma de Deus” (6a) da estrofe I corresponde à

“semelhança de homens” (7c) na estrofe II. Assim como o verbo no particípio “subsistindo” (6a) corresponde ao “tornando-se” (7c).

4.2 A Cristologia do Hino Filipense

A hinódia cristã das cartas neotestamentárias revelam um entendimento completamente desenvolvido de uma cristologia substancial ainda no movimento cristão mais antigo e, a despeito da pluralidade de conjecturas sobre a estrutura do hino, a cristologia da composição filipense não é imprecisa. Ele nos remete para um movimento de “padrão binitário de devoção e culto, no qual Cristo é tratado como destinatário de devoção juntamente com Deus de maneira que só podem ser comparadas ao culto a uma deidade” (HURTADO, 2017).

O termo honorífico *Christos* é uma tradução grega do termo hebraico *Maschiach* (Messias) (VINE, 2016) e foi usado 270 vezes por Paulo, sendo mais de metade das ocorrências encontradas no novo testamento. Juntamente com este temos *Kyrios* (Senhor), um título cristológico usado 180 vezes nas cartas de Paulo que, no grego da era romana, era usado para se referir a uma pessoa com um *status* superior, com certo poder e autoridade. O contexto semântico decisivo para entender o termo dentro do contexto cristão se encontra na tradição judaica, pois no primeiro século muitos judeus de fala grega, para evitar pronunciar o nome de Deus (*yahweh*), passaram a dar preferência ao termo *Kyrios*. Com isso, vemos que o uso dos títulos antecede às cartas de Paulo e que ele se utiliza dos termos honoríficos abrangentes entre os devotos religiosos para ensinar a doutrina de Cristo como sendo um ser divino (HURTADO, 2017).

Segundo Hurtado (2017) apud. Kreitzer (1987) e Richardson (1994) o cristianismo paulino demonstra “sobreposições de funções entre Deus e Jesus” (HURTADO, 2017) e revela como já estava consolidado em tão pouco tempo, num espaço de 50 anos, podendo ser estabelecido por Paulo sem que possamos perceber um desacordo sério quanto ao lugar exaltado de Jesus nos círculos mais antigos do movimento cristão.

Portanto, em que consiste a cristologia do hino filipense? De acordo com Fee (2022), as ideias trazidas por Paulo são “profundas, cheias de recursos teológicos e a linguagem não é nem um pouco simples”. Sendo marcado pelo contraste “não/mas”, Paulo retrata duas maneiras de se posicionar: “uma egoísta, outra altruísta”.

O conceito de preexistência trazido logo na primeira estrofe, “subsistindo na forma de Deus, não julgou como usurpação ser igual a Deus” aparece no participípio, sendo preferido por Paulo no lugar de um verbo no infinitivo, pois Cristo está “sendo/existindo” desta forma sempre. Não se trata aqui de possuir, roubar algo que não lhe pertencia, mas o de não usar o que é próprio do seu ser para ter vantagem. A igualdade com Deus significa doar e não agarrar (FEE, 2022).

Em termos de divindade, o novo testamento confessa Jesus como o Salvador, como afirma Franklin Ferreira em Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual (2007). A encarnação, quando a natureza divina se uniu à natureza humana a fim de redimi-la, é um mistério e afirma que nenhum ser humano é capaz de redimir e salvar o homem. Somente alguém plenamente divino, o próprio Deus, pode ser o mediador entre Deus e os homens⁶. Wayne A. Grudem em Teologia Sistemática (2022) afirma que somente alguém infinito poderia arcar com a pena dos pecados, ser mediador entre Deus e os homens e nos dar salvação. Um ser finito estaria preso a sua finitude e jamais poderia revelar Deus de uma maneira completa e nos dar salvação em todos os tempos e lugares, como apela o hino. O sentido de universalidade da confissão do senhorio de Jesus não se remete somente aos poderes cósmicos que se prostram diante dele, mas da capacidade divina de alcançar e dar salvação ao homem em todos os tempos, pois quem morreu não foi a criatura.

“Ele se tornou aquilo que somos, para que pudesse fazer de nós aquilo que ele é” (FERREIRA, 2007). A encarnação não seria uma teofania. O Verbo assumiu permanentemente e definitivamente a forma humana: “Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; reconhecido em figura humana”. A encarnação trouxe para Jesus um corpo que podia ser visto e sentido e que lhe foi possível sentir dor, fome e todas as sensações físicas comuns de um homem. O mesmo corpo experimentou a morte e ressurreição, fazendo de Jesus o sacrifício substitutivo, tornando-se a nossa propiciação, como afirma Grudem (2022). Se Jesus não fosse homem, ele não poderia morrer em nosso lugar e ter pago a penalidade que cabia a nós. Como nos indica Fee (2022), a cruz não era um artefato

⁶Segundo Barth (1979), o judaísmo rabínico afirma uma preexistência em forma de pensamento. A especulação sapiencial judaica considera a sabedoria divina como uma entidade preexistente ao lado de Deus e muito cedo Jesus é identificado como sendo a sabedoria divina. O hino teria um modelo-base de um esquema rebaixamento-exaltação e o mesmo remonta o mito do homem primevo redentor, encontrado em certos textos do gnosticismo incipiente. O autor considera o modelo-base, mas rejeita que o hino trate do mito, pois o mesmo revela um evento único, a ação salvadora de Deus e não uma revisitação sem uma encarnação real.

decorativo com um simbolismo religioso. A cruz era o escândalo de Deus, totalmente contraditório à sabedoria e poder humano, reservado aos escravos e rebeldes. Para o autor:

Na forma de Deus ele se esvaziou a si mesmo; agora, na aparência de um ser humano, ele se humilhou a si mesmo [...] como ser humano, ele se humilhou a si mesmo; ou seja, em sua existência humana ele escolheu, em obediência, tomar o lugar mais baixo (Fee, 2022).

Segundo Millard J. Erickson em *Introdução à Teologia Sistemática* (1997) nós somos modelos imperfeitos de humanidade. Jesus, o último Adão (I Co 15, 45) veio manifestá-la, de modo que ele se tornou o exemplo a ser seguido, não só em vida, mas também em seu corpo redimido. O abismo entre Deus e o homem só pode ser ultrapassado em Jesus, totalmente divino e totalmente humano. A união hipostática⁷ de Jesus transpôs essa distância metafísica, moral e espiritual. A validade infinita da obra na cruz para expiar o pecado de toda a humanidade só é possível através do Cristo divino, assim como só teria valor para ela se fosse obra de Jesus humano.

O paralelismo da primeira metade do hino expõe essa união hipostática em forma de prosa. Como explica Grudem (2022), Jesus se esvazia a si mesmo (*kenosis* = do verbo *kenoo*, cujo significado é esvaziar)⁸ e assume forma de servo, o que revela “mudança de papel e condição, não de atributos ou natureza”. Paulo pretendia convencer através do ensino e exortação que os filipenses não deveriam “fazer coisa alguma por ambição, [...] mas com humildade considerassem os outros superiores a si mesmos”. O mesmo sentimento, o mesmo modo de pensar. Cristo é o exemplo supremo! Ele mesmo afirma: “o discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6.40).

Matt Merker em *Culto Público: a igreja reunida como povo de Deus* (2022) afirma que “a Palavra de Deus une o povo de Deus” e que ao ouvi-lá, assumindo o compromisso de cumpri-la, promove a união da igreja. A adoração comunitária promove a instrução uns dos outros, sendo cada um dos membros do povo de Deus ministros uns dos outros, preparando-nos para a eternidade. A edificação mútua, a

⁷Conforme Grudem, a união hipostática (*hypostasis* = subsistência, definição proveniente do Concílio de Calcedônia em 451 d.C., é a união das naturezas humana e divina de Cristo, em um único ser. A posição aqui defendida previne contra o Apolinarismo (corpo humano, mas mente proveniente da natureza divina), nestorianismo (a existência de duas pessoas distintas em Cristo, uma humana e divina) e Eutíquianismo (conhecida também como Monofisismo. Defende que Jesus tinha apenas uma natureza humana e que a mesma foi absorvida e incorporada pela divina).

⁸Grudem refere que alguns teólogos da Alemanha e Inglaterra defenderam a “teoria da *kenosis*” onde diziam que Jesus teria se esvaziado de alguns atributos divinos enquanto estava sobre a terra em forma de homem.

oração e o louvor dirigido a Deus estão profundamente ligados aos ensinamentos do Novo Testamento.

5 FUNÇÃO DA MÚSICA NO CULTO CRISTÃO

Gene A. Getz em *Igreja: Forma e Essência* (1994) demonstra que a música sempre esteve presente na vida do povo de Deus. No antigo testamento podemos vê-la como um veículo para o louvor a Deus. Semelhantemente podemos ver no Novo Testamento a forma como os cânticos foram usados como forma de adoração a Deus e também como meio de instrução, exortação e aconselhamento, como demonstram as palavras do apóstolo Paulo para a comunidade cristã colossense: “Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vossos corações” (Cl 3.16).

A comunhão projetada na forma de cântico coletivo é perceptível, onde os corações eram ministrados pela instrução e aconselhamento mútuo e as verdades bíblicas poderiam ser instruídas uns aos outros. Assim como acontecia a oração coletiva, seria natural esperar um cântico coletivo como expressão natural e espontânea (GETZ, 1994).

Hurtado (2017) comenta a importância das cartas escritas pelo apóstolo Paulo como sendo os documentos históricos mais antigos e confiáveis para analisar a prática devocional dos primeiros movimentos de cristãos. O autor menciona a importância de considerar os fenômenos devocionais como práticas públicas, comunitárias e que não devem ser vistas como atos de piedade de particulares.

5.1 Culto Cristão na igreja primitiva

A adoração da igreja primitiva, nos primeiros estágios, é dirigida a Deus Pai e a Jesus. A prática da adoração a Jesus, inserida no contexto religioso geral do primeiro século, é entendida como sendo uma adoração cônica a Jesus e não um culto separado, seguindo o padrão romano pagão. A base religiosa judaica teve profundo impacto no desenvolvimento da devoção religiosa cristã, que expressava uma adoração monoteísta exclusivista e os primeiros cristãos adoravam a Jesus como parte do seu culto de

adoração ao Deus único da tradição bíblica. Alguns judeus cristãos continuaram a frequentar a sinagoga e a participar das atividades religiosas no templo. Contudo, o padrão do ambiente físico da igreja primitiva era o lar e, na maioria das vezes, de pessoas com situação financeira suficientemente boa para acomodar reuniões, onde a intimidade da comunhão deveria ser estendida a todos os membros da igreja, independente da sua situação econômica, social e gênero. Semelhantemente as refeições demonstram relevância como um traço típico da devoção coletiva e os círculos cristãos não divergiam, assim, do seu entorno (HURTADO 2011).

No trecho da *Didaquê* de Pais Apostólicos (2017) podemos ver instruções para “O Dia do Senhor”:

Em cada Dia do Senhor — o dia dele especial — reúnam-se, partam o pão e rendam graças, primeiro confessando seus pecados, para que seu sacrifício seja puro. Quem estiver em litígio com seu vizinho não deve juntar-se a vocês antes de se reconciliar, para que o sacrifício de vocês não seja manchado. Pois foi desse tipo de sacrifício que o Senhor disse: “Em toda parte incenso é queimado e ofertas puras são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações”, diz o Senhor dos exércitos (Pais Apostólicos, 2017).

Em Pais Apostólicos (2017), na seção da *Didaquê*⁹ encontramos a instrução dada às igrejas para não permitir a participação de quem não havia passado pelo batismo. A Eucaristia era exclusivamente para os que haviam passado pelo batismo. Segundo Hurtado (2017) o batismo era entendido como um ritual de iniciação e revestido de grande significado, algo muito comum para os grupos religiosos contemporâneos. Para Deichgräber (1967) o hino Filipense poderia ser o cântico de adoração entoado no momento de batismo, visto ele ter o seu *Sitz im Leben* na exortação de Paulo no início do mesmo: “tende em vós aquele mesmo sentimento” (Fp 2.5). Para Hurtado (2011), o batismo estaria revestido de uma enorme importância que ultrapassa a obediência individual. Através dele, os convertidos eram unidos em um só corpo, transcendendo as diferenças entre os membros.

A comunidade desta nova aliança é chamada a viver um relacionamento de santificação com Deus e uns com os outros, entendido através da fé em Jesus. A morte de Jesus provê o sacrifício definitivo e substitui, assim, o sistema de sacrifícios da antiga aliança. Para a comunidade de Filipos, Paulo fala do “serviço sacrificial” que advém da fé, a base motivacional para o ministério deles (PETERSON, 2019).

⁹O ensino ou a doutrina dos doze Apóstolos, comumente chamada de *Didaquê*

5.2 Aplicações na contemporaneidade

Merker (2022) afirma que Deus reúne as igrejas por sua graça para exaltar seu nome, edificar os membros de forma mútua e, assim, evangelizar as nações. As reuniões de adoração são uma expressão da vida comunitária, nas mais variadas formas de expressão de culto a Deus como a leitura da palavra, da oração, batismo e ceia do Senhor.

Mariane Godoi em *Música & Igreja: uma análise de hinos do Novo Testamento e a música gospel contemporânea* (2023) explica que a música é uma dos muitos elementos que compõem o culto cristão. Godoi (2023) apud. Hustad (1991) defende que a música é funcional e não deve ser vista como um entretenimento. Antes, ela serve aos propósitos de Deus e da igreja. Cantar, segundo Merker (2022), faz parte do ministério da palavra de Deus, pois, quando a igreja canta a verdade, o Espírito Santo libera a espada de dois gumes, ensinamos uns aos outros e cantamos uns para os outros desfrutando, assim, do que ele chama de “ouvir por antecipação a trilha sonora de louvor da nova criação”.

Peterson (2019) explica que o conceito de edificação está intimamente ligado ao entendimento do “corpo de Cristo” como Paulo, por exemplo, apresenta na primeira carta aos Coríntios 12.27. O autor ressalta que Paulo se refere a eles como “o corpo de Cristo” e não “um corpo de Cristo”, uma figura metafórica para enfatizar os relacionamentos e responsabilidades entre os membros da congregação. “Os cristãos são dependentes uns dos outros e, coletivamente, são dependentes de Cristo para vida e poder” (PETERSON, 2019). A reunião beneficia os relacionamentos e o exercício dos ministérios sobre a vida uns dos outros, rejeitando o individualismo, engajando os ministérios a compartilhar mutuamente orações e louvores a Deus e não simplesmente um encontro descontraído entre amigos.

6 CONCLUSÕES

Este artigo abordou o contexto histórico, social, cultural e religioso da igreja de Filipos, assim como expôs o conteúdo cristológico do hino que se encontra na carta de Paulo aos Filipenses. O ensino contido no hino aborda os desafios desta comunidade, inserida em uma realidade pagã, exortando-os à unidade, a reter o ensino de Cristo,

sujeitando-se, assim, uns aos outros. O exemplo de Cristo deve ser o paradigma para a convivência entre os membros deste corpo. O fato deste ensino ter sido abordado por Paulo através de um hino, no contexto de uma exortação à comunidade cristã dos filipenses, nos inspira a entender e compreender a função da música no culto cristão e em como ela pode ser um veículo importante para o ensino, a edificação e comunhão cristã.

Segundo o conteúdo do hino, é possível inferir que o entendimento exato da doutrina das duas naturezas de Jesus, presente no hino filipense, auxilia na correta devoção, pois a mesma encontra no testemunho de Cristo o exemplo a ser seguido. O mesmo modo de pensar faz um apelo à unidade e à coesão desta devoção. Algo que começou no ambiente de culto e reverbera para a vida comunitária.

Com isso, foi possível responder como a palavra de Deus pode ser ensinada e exposta através da música, elemento presente tanto no culto primitivo como na adoração congregacional contemporânea, pode ser um instrumento útil para promover o bom ensino, a unidade e a transformação de vida e, assim, alcançar a comunidade circundante.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J.. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985

APOSTÓLICOS, Pais/Clemente...[et.al]; tradução Almiro Pisetta.1.Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017

BARTH, Gerard: **Der Brief an die Philipper**. Zürich: Theologischer Verlag Zürich, 1979

BÍBLIA, N.T. **Epístolas de Paulo**. As cartas de Paulo, II/tradução e comentários Giuseppe Barbaglio; tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1991

BRUCE, Frederick F..**Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**: Filipenses. São Paulo: Editora Vida, 1992

CARSON, D.A., **MOO**, Douglas J.. **Einleitung in das Neue Testament**. 2.Ed. Giessen.: Brunnen Verlag

DEICHGRÄBER, Reinhard. **Gotteshymnus und Christushymnus in der frühen Christnheit**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967

ERICKSON, J. Millard. **Introdução à teologia Sistemática**; Tradução Lucy Yamakami. São Paulo, Vida Nova, 1997

FEE, Gordon D.**Filipenses:** Comentário exegético; tradução de Marcelo Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2022

FERREIRA, Franklin.**Teologia Sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual/ Franklin Ferreira e Alan Myatt. São Paulo: Vida Nova, 2007

GETZ, Gene A.**Igreja: forma e essência:** o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da história e da cultura; tradução Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1994

GOURGUES, Michel. **Os hinos do Novo Testamento;** tradução José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1995

GODOI, Mariane. **Música & Igreja:** Uma análise de hinos do Novo Testamento e a música gospel contemporânea. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.

GRUDEM, Wayne A.. **Teologia sistemática;** tradução de Norio Yamakami.2.Ed.São Paulo: Vida Nova, 2022

HURTADO, Larry, W.**Senhor Jesus Cristo:** Devoção a Jesus no Cristianismo Primitivo; tradução Eliel Vieira. Santo André: Academia Brasileira/Paulus, 2017

HURTADO, Larry W.**As origem da adoração cristã:** o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva; tradução A.g. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011

MARTIN, P.Ralph. **Worship in the early church.** 2.Ed.William B. Eerdamns Publishing Company, 1974

MERKER, Matt.**Culto Público:** a igreja reunida como povo de Deus; tradução Larissa M. Belmont Nobre, Antivan G.Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2022

PETERSON, David. **Teologia bíblica da adoração:** cultuando a Deus como ele orienta e deseja; tradução de Marcelo Gonçalves.São Paulo: Vida nova, 2019

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento.**1.Ed. São Paulo: Hagnos, 2008

SHEDD, Bíblia.Editor responsável Russel P.Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida.2.Ed. rev. e atual no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 1997

VINE, W.E.**Dicionário exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento;** editado por Merrill F. Unger, William White, JR; traduzido por Luís Aron de Macedo.1.Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016